

As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala

Josiane Barbosa Gouvêa

Rocío del Pilar López Cabana

Elisa Yoshie Ichikawa

INTRODUÇÃO

O que poderiam saber ou, em que poderiam contribuir no âmbito da administração os sujeitos que não estão inseridos nos modelos propostos pelo *mainstream* da área? Suas histórias de vida, suas vivências cotidianas interessam para o ambiente das organizações? Para a perspectiva hegemônica, possivelmente, sua contribuição será considerada irrelevante ou até mesmo



nula. No entanto, os estudos organizacionais têm entre as suas possibilidades de pesquisa os estudos relacionados ao cotidiano e à gestão ordinária (Carrieri, 2012). Estes visam inserir na abordagem administrativa aqueles que o discurso hegemônico exclui. Este ensaio teórico tem por objetivo, portanto, compreender a relevância do diálogo entre história e administração como ferramenta que possibilite que novas vozes, antes excluídas, sejam ouvidas, a partir de suas práticas cotidianas e da gestão ordinária. Para tanto, este estudo foi guiado fundamentalmente por uma perspectiva pós-estruturalista, mas não deixou de dialogar com representantes de outras vertentes epistêmicas, trazendo alguns dos legados teóricos desenvolvidos pela tradição marxista.

Diversos esforços vêm sendo realizados no decorrer do tempo a fim de compreender como história e administração se articulam (Costa, Barros & Martins, 2010; Costa & Saraiva, 2011; Souza & Costa, 2013; Barros & Carrieri, 2015; Wanderley *et al.*, 2016). Neste estudo visamos trabalhar, principalmente, com vistas a ouvir os excluídos na historiografia tradicional, os esquecidos das narrativas organizacionais, aqueles que o discurso hegemônico cala. Estes sujeitos que, através de suas práticas e micropráticas cotidianas tecem a história. Entendemos que a perspectiva da gestão ordinária, aquela que conforme afirmam Barros e Carrieri (2015, p. 152) “questiona na prática a universalidade da Administração hegemônica”, nos possibilita tal olhar.

A vida cotidiana é composta de diversos elementos, práticas individuais ou coletivas que por vezes passam despercebidas a nossos olhos. O cotidiano, espaço do agir do dia a dia, da nossa rotina, dos fatos inusitados e corriqueiros, das nossas revoltas e submissões, da nossa passividade e transformação, da nossa vida sendo praticada, não pode ser desconsiderado ao estudar a realidade. Importa ressaltar ainda que este cotidiano é vivenciado, construído e reconstruído historicamente. No campo de estudos da administração, porém, a abordagem funcionalista ainda é hegemônica e o modelo tradicional que retrata a gestão como um elemento estático, em nada influenciado pelas práticas dos sujeitos se sobressai nos estudos da área (Clegg & Hardy, 1998; Vieira & Caldas, 2006; Bretas & Carrieri, 2017). No entanto, ainda que de maneira incipiente, o campo passa a olhar a gestão para além desta perspectiva hegemônica, a chamada gestão ordinária (Carrieri, 2012). Nela entende-se que os indivíduos, através de suas ações cotidianas modificam as práticas organizacionais.

Na abordagem do cotidiano, portanto, é possível ouvir a voz do homem comum (Certeau, 2000). A utilização da história no campo dos estudos organizacionais é, assim, uma forma de dar vazão a esta possibilidade. Conforme salientam Barros e Carrieri (2015), é a tentativa de compreender o presente, ainda que tendo consciência de suas lacunas, sem, no entanto, esgotá-lo. Os autores salientam ainda que pensar a história a partir do cotidiano permite a construção de um

conhecimento diverso daquele que a perspectiva hegemônica, em maior ou menor grau nos impõe. Isto ocorre uma vez que conforme salientam Grant, Hardy e Putnam (2004), o discurso é aquilo que molda as organizações e, entre as formas de discurso organizacional têm-se as narrativas e histórias. Em nosso entendimento, a organização não é unicamente moldada pelos discursos, no entanto, este é um aspecto relevante em sua constituição. Isto porque, conforme afirmam Clegg e Hardy (1998, p. 31) “as organizações são efeito da interação recíproca de conversações múltiplas”. Neste sentido, afirma Fairclough (2001), é através do discurso que se formam crenças e conhecimentos se constroem as relações entre as pessoas.

Logo, passa a ser fundamental compreender a apreensão da história, a partir das múltiplas vozes que compõem o ambiente organizacional. Não apenas a realidade dos números, mas dos sujeitos que fazem parte da organização e que através de suas práticas cotidianas constroem o cotidiano organizacional. Diante disso, entendemos que o diálogo entre história e administração é uma importante ferramenta a fim de possibilitar que novas vozes sejam ouvidas no âmbito da gestão.

A fim de compreender a abordagem proposta, estruturamos o presente estudo em quatro seções, além desta introdução. Na primeira, apresentamos o conceito

de cotidiano a partir de duas perspectivas, quais sejam, uma marxista, na qual o cotidiano é tido como fonte de alienação, com pequenos espaços para escapar à mesma e, em contraponto a esta, trazemos a proposta de Michel de Certeau, que a partir de uma visão heterodoxa nos apresenta o cotidiano como lugar no qual há possibilidade de resistência. Na segunda seção discorreremos sobre o conceito de cotidiano visto a partir da perspectiva organizacional. A seguir, apontamos aspectos relativos à história como ciência e como a mesma é utilizada nos estudos organizacionais. Após, buscamos uma aproximação entre história e cotidiano. Por fim, na última seção são tecidas as considerações finais acerca do estudo desenvolvido.

O FAZER COTIDIANO: FONTE DE ALIENAÇÃO OU POSSIBILIDADE DE RESISTÊNCIA?

A literatura organizacional, por muito tempo tratando mais de abordagens de cunho funcionalista, deixou de lado o estudo do cotidiano para o entendimento da realidade. Mas como assinala Lukács (2012, s.p.) “a ciência brota da vida” encontrando-se na vida cotidiana as bases para a compreensão do ser social. Mas cabe assinalar que este cotidiano não é um terreno estanque, pelo contrário é um território móvel, rico em interações sociais em que se tece a história e se reconstroem as memórias.

Muitos estudiosos trataram do cotidiano, entre eles se destacam os representantes da tradição marxista: Lukács, Heller e Lefebvre, os quais realizaram valiosas contribuições para o entendimento desta arena da vida.

Lukács, (2012) acreditava numa ligação mais próxima entre ciência e realidade, sendo necessário para isto partir da compreensão da vida cotidiana. Nas suas observações, Lukács (2010) enxergou a presença da imediaticidade na vida cotidiana, pois neste viver de todos os dias somos chamados a dar respostas rápidas, existindo uma “relação imediata entre teoria e prática” (Lukács, 2012, s.p). Além da imediaticidade, o filósofo também assinala a presença da heterogeneidade. Esta segundo Netto (2012), compreende a interseção das atividades que compõem o conjunto de objetivações do ser social. Porém, Lukács (2013, p. 10) acreditava na suspensão e transcendência da heterogeneidade do cotidiano por meio das objetivações mais homogêneas como a ciência, a arte e o trabalho. Nessas objetivações, o ser humano passa do “homem inteiro” da realidade vivencial (dimensão da singularidade) para o “homem inteiramente” em que o mundo desenhado como totalidade pode ser plenamente vivenciado (dimensão genérica). Diante de tal visão, salienta Roberts (2006) que a teoria da reificação de Lukács é unidimensional, uma vez que confunde a repetição do cotidiano com a sua persistência. Para o autor, tomando como referência os

pressupostos apontados por Benjamin, o cotidiano se faz através da conjugação entre passado e presente, presente e futuro, passado e futuro (Roberts, 2006).

Por sua vez, a filósofa húngara Agnes Heller, discípula de Lukács, também trabalhou os conceitos da dimensão genérica e da dimensão da singularidade desenvolvidos por ele. Assim, dando continuidade a estes estudos, Heller (1985) afirma que a vida cotidiana é a vida do indivíduo, e este é sempre paralelamente um ser particular e um ser genérico. Logo, para a autora, a vida cotidiana é a vida do homem inteiro (Heller, 1985, p. 17). A autora assinala que na moderna estrutura da cotidianidade, aumentaram as possibilidades que tem a particularidade de submeter a si o humano-genérico e de colocar as necessidades e interesses da integração social a serviço dos desejos e egoísmos dos indivíduos. Assim podemos observar como nos tempos atuais o individualismo nos cega, impossibilitando apreciar nossa singularidade como parte da universalidade.

Heller (1985) salienta que o cotidiano não é questão de escolha, o homem nasce já inserido em sua cotidianidade. A partir de tal afirmativa entendemos que todos nós, independentemente de qualquer condição, estamos envolvidos neste universo, no qual nossa individualidade é demonstrada a partir de nossas atividades diárias e desempenha papel decisivo em nossas ações e opções.

Para Heller (1985), ao assimilarmos o cotidiano da nossa época, absorvemos também o passado da humanidade, pois todos os grandes feitos históricos tornam-se históricos, graças ao seu posterior efeito na cotidianidade. Portanto, para a autora, a vida cotidiana se encontra no centro do acontecer histórico. Porém, para esta filósofa, a história não é o fruto de uma sequência passiva dos nossos atos, para Heller (1985, p. 7), “a história é história de colisão de valores de esferas heterogêneas” e essa história é construída pelas memórias, em constante disputa.

Outro representante da tradição marxista que desenvolveu numerosos aportes ao estudo do cotidiano foi o filósofo francês Henri Lefebvre. Segundo ele o cotidiano é:

A substância do homem, a matéria humana, o que lhe permite viver, residuo e totalidade em um tempo, seus desejos, suas capacidades, suas possibilidades, suas relações essenciais com os bens e com os humanos, seus ritmos, por meio dos quais é possível passar de uma atividade delimitada a outra totalmente distinta, seu tempo, seus espaços, seus conflitos... (Lefebvre, 1978, p. 88, tradução nossa).

Lefebvre (1978) vislumbrou a riqueza e a miséria no cotidiano. Quanto à riqueza, o autor assinala que na cotidianidade se desenham as mais autênticas criações, os estilos e as formas de vida que entrelaçam os gestos e palavras correntes com a

cultura. Nela se opera a renovação incessante dos homens. Enquanto na miséria, a vida cotidiana é também a repetição dos mesmos gestos, ou seja, nela realizamos as mesmas coisas dia após dia, nos mesmos lugares.

Lefebvre (1991) apresenta outra perspectiva de análise em relação ao cotidiano, que consideramos ser imprescindível neste estudo. O autor salienta que se pegarmos o calendário de determinado período e escolhermos aleatoriamente uma data neste mesmo calendário e a partir dela formos buscar saber o que se passou na vida das pessoas - denominadas "sem importância" pelo autor - neste dia, não encontraremos nada que possa dar algum direcionamento de como era o cotidiano destes indivíduos. Lefebvre (1991) diz que apenas a publicidade (ainda ingênua), as banalidades, as pequenas informações marginais lhe dão ideia do que emergiu no centro da vida cotidiana durante essas horas. Assim, podemos perceber que a história que nos é transmitida, é contada não a partir da vivência das pessoas simples, mas de uma minoria que se sobressai de alguma forma no grupo ou ainda, a partir de interesses individuais. Assim, perdemos a possibilidade de descobrir as riquezas escondidas nas experiências daqueles que são silenciados.

De outra perspectiva, Michel de Certeau, com um olhar mais heterodoxo destacou os movimentos aparentemente invisíveis, as micropráticas, as astúcias do

homem comum, os movimentos de antidisdisciplina que são realizados por este diante das imposições colocadas pelo poder dominante. O foco do autor está voltado para a ação do homem comum, ordinário, sem qualidades. Certeau, conforme Giard (1998, p. 13), se interessava “não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações de seus usuários”, pelas trajetórias variáveis dos praticantes. É mister ocupar-se com as maneiras diferentes de marcar socialmente o desvio operado num dado por uma prática (Certeau, 2000). Corroborando esta ideia, Santos (2004, p. 127) afirma que “o mundo do tempo real busca uma homogeneização empobrecedora e limitada, enquanto o universo do cotidiano é o mundo da heterogeneidade criadora”.

Certeau (2000) acredita no comportamento ativo, mesmo que sutil, do homem comum na sua cotidianidade, ele elogia a inteligência ordinária diante das circunstâncias. Para Leite (2010), o pressuposto certauniano central para a análise da vida cotidiana são os lances táticos e situacionais que expressam as artes de fazer. Estas táticas, ou pequenas astúcias, se encontram em um diálogo constante com as estratégias e ambas envolvem as práticas cotidianas. O intuito de Certeu, portanto, nas pesquisas relacionadas ao cotidiano, conforme salientam Napolitano e Pratten (2007), foi propor novas perspectivas a partir das quais entende que pessoas comuns possuem capacidade de escapar da passividade e modelos previamente estabelecidos, para construir a sua própria história.

Destarte, Lefebvre e Certeau, mesmo com diferenças políticas trabalhavam a noção do cotidiano como um resto irreduzível (Roberts, 2006), identificando nele possibilidades de resistência, o cotidiano é tido, portanto como um campo de lutas simbólicas. No entanto, estes autores apresentam relevantes diferenças: em Lefebvre conforme Roberts (2006) o momento e a situação significam que o real também é o local e o surgimento do possível (absoluto), já em Certeau o real talvez represente o possível, mas com horizontes limitados, sem conteúdos transcendentais, totalizantes, à diferença de Lefebvre. Ou seja, Certeau, diferente de Lefebvre reconhece o poder dos sistemas de opressão, mas diante desta opressão resta aos sujeitos movimentos sutis de resistência, que é vista de forma crítica por Roberts (2006) como uma negociação criativa e aberta com as condições de sua própria alienação.

Apesar de partirem de abordagens distintas, como salientam Junquillo, Almeida e Silva (2012, p. 336), "o fio condutor de todos eles é buscar significados da vida cotidiana, numa perspectiva que permite a capacidade de sua re/invenção pelos sujeitos sociais, em contextos histórico-sociais específicos". Neste sentido, afirma Roberts (2006) o cotidiano é visto como algo sempre novo, necessariamente refeito no presente. Destarte, o cotidiano que apresentamos, não é aquele no qual as atividades desenvolvidas pelos indivíduos parecem seguir uma sinfonia, na qual sob a batuta de um maestro, todos devem tocar no mesmo tom, seguindo os

mesmos ritmos, mas aquele que permite, ainda que de maneira sutil ou em poucos momentos, que os sujeitos “toquem os seus próprios ritmos”.

Esse cotidiano se faz em todas as esferas da vida dos sujeitos, que podem através de seus movimentos, de suas astúcias – ainda que brevemente – compor as suas próprias melodias. Também no contexto das organizações o cotidiano se manifesta e, para este estudo, é importante a compreensão do que isso representa.

O fazer cotidiano nas organizações

Diante do exposto, podemos perceber que no cotidiano, os indivíduos realizam atividades silenciosas que, no entanto, possuem alto grau de relevância para o ambiente em que se inserem, inclusive no ambiente das organizações, no âmbito da gestão ordinária. Conforme salientam Barros e Carrieri (2015), essa forma de gestão, embora tenha pontos de contato com a abordagem formal da administração, não é diretamente moldada por ela. A partir desta ótica, portanto, se redefine o que se entende por gestão. Conforme salientam Alcadipani e Tureta (2009), ao nos apropriarmos da literatura tradicional sobre gestão disseminada no Brasil, certamente nos convenceríamos de que organizações são estruturas solidamente constituídas, com cultura e identidade únicas disseminadas entre

todos os seus membros. Esta maneira de entender as organizações – amplamente aceita no campo da administração – tira de cena, por completo, os sujeitos que fazem o cotidiano organizacional através de suas práticas. Como afirmam Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014), a administração neste contexto abriga um conhecimento que se quer universal, mas de alcance e entendimento de poucos. Diante disso, entendemos a gestão também através de uma perspectiva estática, o que, de acordo com Barros e Carrieri (2015) enfraquece seu potencial de explicar as nuances da realidade.

A abordagem da gestão ordinária (Carrieri, 2012), por sua vez, apresenta-nos que as organizações e as formas de gestão podem ser vistas a partir das ações dos fazedores do cotidiano, relegados a segundo plano nos estudos tradicionais. No entanto, como nos apresenta Certeau (2000), para o estudo de tais práticas, há que se deslocar a atenção do consumo supostamente passivo dos produtos recebidos e passar a observar as criações anônimas, nascidas da prática, do desvio no uso desses produtos (Certeau, 2000). Para o autor, essas criações anônimas caracterizam as micropráticas desenvolvidas pelos indivíduos em seu cotidiano. Ou seja, os sujeitos, em seu cotidiano não são meros replicadores de ordens estabelecidas. Ainda que imersos em ambientes formais como o das organizações, os mesmos têm a possibilidade de subverter o instituído, ainda que de maneira sutil. Certeau (2000, p. 135) salienta que hoje, “essas práticas portadoras do segredo

de nossa razão não se acham tão distantes. [...] Se instala em nosso sistema, ou talvez mesmo dentro de nossas cidades e mais perto ainda”. A partir de tal afirmação Certeau (2000) nos faz compreender que as micropráticas ocorrem em nosso dia a dia, em todos os ambientes nos quais nos inserimos, inclusive o organizacional. Nós mesmos as desenvolvemos. São as práticas – gestos, comportamentos, maneiras de falar ou caminhar etc. (Certeau, 2000, p. 144). É preciso salientar ainda que, conforme afirmam Barros e Carrieri (2015, p. 157), “pesquisar sobre o cotidiano não é ignorar os fatores com impactos nos grandes conjuntos, mas tentar percebê-los com base na discussão sobre o detalhe”.

O cotidiano, como vimos, é constituído, portanto, a partir das inventividades, das maneiras de fazer daqueles que invariavelmente são deixados à margem nas pesquisas realizadas no campo da administração. A perspectiva do cotidiano, como aponta Certeau (2000, p. 17): “Trata-se de esboçar uma teoria das práticas para extrair do seu ruído as maneiras de fazer”. Quando falamos em construção, imaginamos este dia a dia sendo fabricado silenciosamente, a partir de ações comuns, de “histórias e operações heterogêneas que compõem os *patchworks* do cotidiano” (Certeau, 2000, p. 46). Entendemos o cotidiano, portanto, sendo feito pelos praticantes como um trabalho de *patchwork*, no qual, peças de diferentes tamanhos vão se encaixando no dia a dia, formando uma obra de arte que, na maioria das vezes não é percebida. Neste sentido, salientam Barros e Carrieri

(2015, p. 156) que “todos o processo de criação e (re)produção do discurso efetiva-se no âmbito do fazer cotidiano das pessoas, muitas vezes no anonimato”. O que se tem percebido no ambiente organizacional, porém, é que esta abordagem em poucos momentos é considerada. Como salientam Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014, p. 699), “essa significação do insignificante, significação do cotidiano que pode ser importante para as pessoas, infelizmente não o é para o pensamento administrativo ou perdeu-se”.

Na perspectiva do fazer cotidiano, a gestão está diretamente relacionada às práticas diárias dos indivíduos (Carrieri *et al.*, 2008), que direta ou indiretamente interferem no fazer cotidiano das organizações. Assim, entendemos que como salientam Carrieri, Leite da Silva e Junquilha (2008, p. 1), “não existe no fazer organizacional sujeitos agindo descolados do seu cotidiano”. A gestão ordinária leva em conta, portanto, possibilidades de eventos não previstos na abordagem estática da gestão tradicional. Estes eventos não previstos ocorrem no dia a dia dos indivíduos que compõem as organizações, através de suas estratégias e táticas cotidianas (Certeau, 2000), exercidas pelos sujeitos a fim de burlarem as formalizações. Assim, conforme salientam Carrieri, Perdigão e Aguiar (2014), a gestão ordinária foge aos parâmetros gerencialistas tradicionais e mantém seu foco no homem comum. Aquele que, conforme entendemos, vive historicamente o seu cotidiano. Assim, de acordo com os mesmos autores, “no levantamento da

gestão ordinária, os sujeitos ganham vozes, elaboram textos, discursos, falam, narram, contam suas histórias para nós, alcançando a relevância que as abordagens tradicionais não lhes conferem” (Carrieri, Perdigão & Aguiar, 2014, p. 699).

Importante considerar que o cotidiano é feito, como nos diz Certeau (2000), através de práticas e micopráticas que passam a compor a história. O olhar a partir da história do cotidiano, como afirmam Barros e Carrieri (2015, p. 156) “tem potencial de permitir que narrativas que ficam à sombra das construções do centro saiam à luz”. Desta forma, para este estudo, compreender a relação entre a história e a administração passa a ser fundamental para, em uma perspectiva contra-hegemônica, entender o fazer organizacional, para além das grandes narrativas.

A HISTÓRIA E A ADMINISTRAÇÃO: POSSIBILIDADE DE IR PARA ALÉM DO FUNCIONALISMO

Ao falarmos da história como ciência, segundo Block (2001), estamos falando dos homens no tempo, pois por trás dos grandes vestígios sensíveis aos nossos olhos, por trás dos escritos e das instituições, são os homens o objeto da história. Agregando a isto, Guarinello (2004, p. 14-15) assinala que “um dos pressupostos da ciência histórica é que ela é total e única, é a história do homem, uma história

Universal”. No entanto, o que se observa é que as histórias universais geradas pela historiografia foram histórias particulares privilegiadas, mas não por isso precisamos rejeitá-las com desprezo, assinala Guarinello (2004), pois toda interpretação da história é arbitrária. Por mais científicas que sejam as “interpretações da história são sempre produtoras de memória, de lembrança ou esquecimento, são instrumentos de identidade, de legitimidade e de poder” (Guarinello, 2004, p. 16).

Podemos perceber que ao falar de história entramos em um campo dividido, existindo uma controvérsia paradigmática entre as perspectivas da História Tradicional e da História Nova. A História Tradicional, como afirmam Costa, Barros e Martins (2010, p. 290) se caracteriza como a “narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens e legitimada por uma visão centralizada e institucionalizada do poder”. Esta história, concentrada nas grandes transformações, não consegue identificar o motivo pelo qual aconteceram, tampouco a forma como se desenrolaram, afirmam Barros e Carrieri (2015).

Já na História Nova, o poder e a política se deslocam para o âmbito das práticas sociais, destacando as questões sobre o simbólico, o imaginário social, a memória,

as mentalidades e as práticas discursivas associadas ao poder, considerando também a relevância das múltiplas vozes sociais (Costa, Barros & Martins, 2010).

Neste sentido, existem diversos assuntos a serem questionados, desde as narrativas da história que estamos consumindo até as relações de poder modeladoras dessas narrativas. Isto porque há também, atreladas a esta questão, relações de poder que determinam, de alguma maneira, o que deve ser lembrado pela história. Neste sentido, Costa e Saraiva (2011, p. 1767) afirmam que “a realidade que é construída socialmente por aqueles que ‘têm direito’ e, principalmente, por aqueles que ‘podem se manifestar’”.

Por outro lado, ao falarmos de história, comumente nos remetemos ao tempo passado. Será esta concepção um grande engano? Se a história trata dos homens no tempo, porque apenas nos remeter ao passado? Onde se encontra o presente e até o futuro? O que percebemos é a interligação entre passado, presente e futuro, pois como afirma Block (2001, p. 65) a “incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”. Assim conhecermos o passado é tão relevante quanto desmembrar o presente, para construirmos o futuro, e esta tríade temporal, como expressa Guarinello (2004), forma o curso da história.

Destarte, se o futuro nos é incerto, o presente e o passado são campos a serem explorados, pois estas arenas têm muito a dizer sobre nossa humanidade. Assim, em contraste com a historiografia tradicional que defende a história como o estudo do passado, a perspectiva da História Nova trata a história como dominada pelo tempo presente, pois por mais distante temporalmente que se encontre um acontecimento, este liga-se ao nosso presente onde ele ecoa (Costa, Barros & Martins, 2010).

Desta forma, neste ensaio salientamos o estudo da história como integrada pelo passado ao presente, considerando não uma história universal, mas sim a pluralidade de histórias que conformam o grande transcurso da humanidade, através de múltiplas vozes. Este transcurso se dá no dia a dia, e na congregação destes dias, daí a relevância de tratar o cotidiano pois, como assinala Guarinello (2004, p. 25), esta palavra de origem latina *quot dies* significa “ao mesmo tempo, um dia e todos os dias”, assim o transcurso da história dos homens é constituído na vida cotidiana destes, desde os pequenos fatos aparentemente banais até os mais grandiosos e excepcionais.

Cabe salientar que a perspectiva da História Nova, representada pela *École des Annales* se aprofunda nos estudos do cotidiano. Segundo Del Priori (1997), este grupo com uma visão multidimensional da realidade social, formulou a concepção

de história da vida cotidiana. Para esta escola, o cotidiano e o estudo da vida privada são uma forma de compreender a história econômica e social. Assim, a história da vida cotidiana não é dada somente estudando o habitual, nem é a descrição do cenário de um período de tempo. Para este grupo, segundo Del Priori (1997), a história do cotidiano estuda o habitual entrelaçado com a análise dos equilíbrios econômicos e sociais que se encontram por baixo das decisões e dos conflitos políticos.

Certeau, participando também no grupo dos *Annales*, aplicava trabalhos interdisciplinares, combinando história, linguística, antropologia e psicanálise. Certeau (1995) acreditava que por meio da multidisciplinaridade poderia se captar o momento histórico de uma maneira mais ampla. Desta forma, fica evidente que os assuntos complexos como a história e o cotidiano não podem ser minimizados a uma única área, pois estes transcorrem em muitas dimensões, sendo necessária esta multidisciplinaridade para tentar entendê-los. Certeau apresenta a partir disso um novo entendimento acerca da escrita da história, conduzindo, conforme afirma Orellana (2012), a um estudo desta, como uma combinação entre lugar social, práticas, procedimentos científicos e escrita. Logo, tem-se na perspectiva do cotidiano, não as histórias legitimadas pelo papel que o narrador ocupa, mas a história contada a partir do cotidiano daqueles que não possuem papel de destaque nas narrativas (Xavier *et al.*, 2012).

Como vimos até aqui, a história está muito longe de ser universal, ela pode tentar ser vista desde o alto, como única, mas quem tem a capacidade deste olhar panóptico? Acaso nosso olhar não depende da nossa posição e dos óculos pelos quais enxergamos a história? A história parece ser mais múltipla, não se tratando mais da história do homem, mas das histórias da humanidade, desde as mais diversas perspectivas, sendo necessário para isto escutar os sons da pluralidade de sujeitos que habitam este nosso mundo. Desta forma, a história do tempo presente não pode ser recuada, dando mais destaque à história do tempo passado, como vem acontecendo.

Mas ao nos submergir nos estudos da história do tempo presente, reparamos que existem várias divergências sobre este assunto. Tal como assinala Machado (2010, s.p.), a visão geral sobre a história do tempo presente não é clara para os próprios historiadores, pois existe resistência em mudar a noção de tempo histórico que normalmente fica atrelado a estudar o passado. Para este autor, a história não pode ficar aferrada no passado, existindo a possibilidade de analisar as nossas próprias vivências. Assim, para Machado (2010, s.p.), pode-se realizar “uma análise do presente para que se possa abstrair um marco, não meramente factual e nem apenas como atitude de salvaguardar o tempo das marcas da memória, mas para registrar as ações do homem em seu tempo”.

Ao falar da noção de tempo presente, Machado (2010) assinala que esta não pode ser atribuída ao sentido da história imediata, pois existem acontecimentos, que mesmo tendo ocorrido há algumas décadas, nos permitem mexer com os sujeitos constitutivos de certos eventos. Este é o caso das fontes vivas, que guardam em si marcas de acontecimentos que por motivo da memória não desaparecem por completo com o tempo, “assim o tempo presente pode ser entendido como uma relação entre pesquisador (seu tempo de vivência) e o objeto estudado, assim como acontecimentos de 50 anos atrás que ainda possuem influência na vigência de nossa contemporaneidade, memória, oralidade” (Machado, 2010, s.p.).

No campo da administração, houve um período de afastamento em relação à história. O campo foi construído, enquanto disciplina durante o século XX, a partir de um caráter a-histórico, conforme afirmam Üsdiken e Kieser (2004). O entendimento de que os estudos históricos podem nos possibilitar enxergar mais nitidamente a noção do tempo, seja este passado ou presente, assim como nos ajudar a questionar sobre as narrativas históricas reproduzidas e que estão sendo consumidas atualmente neste campo, possibilitaram uma mudança, ainda que tímida. Há, portanto, sinais recentes de um crescimento da apreciação da pesquisa histórica no campo organizacional (Üsdiken & Kieser, 2004), ainda que os estudos em administração, como vimos, estejam em sua maioria propensos a abordagens tradicionais, vinculadas ao funcionalismo. Mantém-se, porém, certa

resistência a tais estudos, por vezes não aceitos pelos representantes do *mainstream* administrativo.

Entre os esforços para aproximar os referidos campos de estudos, se encontra o trabalho elaborado por Curado (2001). A autora apresenta uma proposta de metodologia histórica para o estudo em administração, adotando o enfoque da História Nova. De acordo com Curado (2001) é necessário no campo da administração ampliar a variedade de métodos utilizados, indo além da metodologia tradicional de pesquisa histórica que utiliza como fonte de dados principal o documento escrito. Entre os métodos utilizados pela vertente da História Nova se encontram a “análise estatística representada pela história serial e pela história quantitativa; a evidência das imagens, ou iconografia, fonte para a história das mentalidades; a releitura de registros oficiais, procurando neles a voz das pessoas comuns [...]; a história oral, utilizada pelos historiadores da vida cotidiana” (Curado, 2001, p. 5-6).

Por sua vez, Costa, Barros e Martins (2010) procurando contribuir para a melhor compreensão do pensamento administrativo por meio da análise da utilização da perspectiva histórica em administração, classificaram três abordagens do pensar administrativo relacionadas com a discussão paradigmática da história: a história de negócios (*business history*); a história da gestão (*management history*); e a

história organizacional (*organizational history*). Os autores identificaram no seu estudo que a história de negócios e a história da gestão se encontram mais atreladas ao paradigma da História Tradicional, enquanto a história organizacional está mais vinculada à vertente da História Nova.

Por outro lado, Souza e Costa (2013) buscaram problematizar as abordagens de estudos organizacionais mais convencionais, que assumem como objeto de pesquisa os grandes feitos de grandes homens da história da administração. Assim, (re)pensando o taylorismo a partir de pressupostos históricos, identificaram que a obra de Taylor inseria-se em um conjunto maior de práticas sociais disciplinadoras e ressaltam a relevância do entendimento histórico, suas permanências, singularidades e relações com os mecanismos de poder existentes a cada época.

Ainda a relevância do diálogo entre história e administração é observado no lançamento do periódico *Management & Organizational History* em 2006. Neste sentido, Booth e Rowlinson (2006) elaboraram uma agenda de propostas, abertas ao debate, para orientações futuras a ser tratada neste periódico, enfatizando: a virada histórica na teoria organizacional; a utilização de diversas metodologias e estilos de escrita apropriadas para o estudo histórico das organizações; a relevância dos filósofos e teorias da história para as teorias da gestão e das

organizações; a importância da dimensão histórica da cultura e da memória nas organizações; a emergência da história organizacional como um campo de pesquisa diferenciado; o engajamento entre história de negócios e teoria organizacional; a relevância do estudo da ética empresarial na história; as metanarrativas do capitalismo corporativo; a necessidade de vincular a história do pensamento gerencial e o ensino de gestão e teoria organizacional; e a importância da relação entre as escolas de negócios e o crescente interesse público em história. No entanto, este periódico no passar de uma década, como assinalam Wanderley *et al.* (2016, p. 804), “não necessariamente, tenha promovido a inclusão de histórias e teorias de outras geografias que não sejam a anglo-saxônica”.

Destarte, como expressam Wanderley *et al.* (2016), o suporte de abordagens históricas para a construção de teorias organizacionais não é novo no campo da administração, mas nestes últimos anos este assunto recebeu mais atenção ao promover teorias mais sensíveis aos aspectos histórico-temporal-espacial.

Diante disto, entendemos que no âmbito da administração se elaboraram até agora consideráveis esforços de diálogo com o campo da história, mas ainda é um terreno incipiente, e em termos amplos como assinalam Gomes e Santana (2010, p. 2): “os teóricos da administração ainda não consideram o potencial da história

para a análise da organização”. A história tem muito a contribuir com a administração com recursos teóricos e metodológicos próprios que brindem maior conhecimento sobre a realidade organizacional. E neste estudo enfatizamos a relevância de olhar pela perspectiva da “história do tempo presente na narrativa dos sujeitos sociais” tal como afirmam Gomes e Santana (2010, p. 2), trazendo, como assinala Machado (2010), as vozes dos esquecidos, os negligenciados pela tradição historiográfica, podendo vislumbrar a história de lugares antes desconhecidos.

Esta visão vai em contraponto com o forte predomínio da História Tradicional, a qual foi assiduamente ensinada e pesquisada pelos “grandes contextos da história” (Guarinello, 2004, p. 16), ou como assinala Burke (1992), pelos grandes feitos dos grandes homens. O mesmo se enxerga no nível organizacional, no qual as histórias ditas oficiais são narrativas lineares, é a história dos grandes acontecimentos na visão das posições dirigentes. Mas, onde estão as vozes “outras”? Daqueles que dia após dia criam e recriam nas suas inúmeras práticas as organizações, essas vozes cotidianas que conformam uma pluralidade de significados. Onde estão suas versões da história?

Será que nossa tendência à síntese no âmbito científico, está nos levando por caminhos que têm pouco a dizer sobre a multiplicidade de perspectivas em que

se pode experimentar a realidade? Como sintetizar a história de uma organização, se são as histórias no plural, assim observamos, provavelmente o melhor caminho para compreender os homens no tempo, no âmbito das organizações, dando ouvidos a diversidade de sujeitos e grupos que a conformam?

No campo organizacional, portanto, podem ser registradas desta forma relatos, histórias individuais e coletivas vindas das mais diversas posições, podendo captar a organização no presente trazendo consigo o seu passado. Diante disso, entendemos ser de fundamental importância que os estudos organizacionais se utilizem de elementos históricos para compreenderem a realidade em suas fontes de pesquisa. Um aspecto que consideramos ser relevante para a análise do emprego da historicidade nos estudos organizacionais é pensar até que ponto as mesmas não são apenas pensadas e realizadas com vistas à sua utilidade acadêmica. Penna (2005, p. 32) chama a atenção a esta perspectiva ao afirmar que “é necessário teorizar acerca da utilização da história oral, não com vistas a criticar os métodos dos pesquisadores que dela se utilizam, mas para buscar propor algo novo”. Este algo novo está relacionado a se procurar escapar à abordagem utilitarista, através da qual o ciclo se inicia no processo de entrevistas e se conclui com um sentimento de liberdade em relação ao processo.

Entendemos, diante disso, que dar ouvidos àqueles que a perspectiva hegemônica exclui não deve se restringir apenas a utilizá-los para pura e simplesmente alcançar interesses acadêmicos, mas, pelo contrário, enxergar as implicações que produz a história oral. Implicações no florescimento de conhecimentos vivenciados, de experiências de vida; implicações, como apontam Alves e Ericeira (2017), na transformação dos interlocutores e pesquisadores no transcurso de construção das histórias de vida; e conseqüentemente implicações na identidade dos sujeitos pesquisados como dos pesquisadores, pois como assinala Bosi (2003, p. 16) “do vínculo com o passado se extrai a força para a formação da identidade”; implicações na formação de novos discursos; assim como as implicações sobre a memória. Entende-se ser necessário fomentar, como afirmam Alves e Ericeira (2017, p. 155), espaços de comunicação dessas histórias, como a circulação das memórias, pois os “testemunhos vivos de um tempo nos garantem o acesso a valores culturais e identitários”, formando um acervo que constitui uma espécie de patrimônio imaterial da história, que precisa ser continuamente investigado, valorizado e também socializado.

É importante salientar ainda o papel da memória ao falarmos da utilização da história em pesquisas. Conforme salienta Penna (2005, p. 20), a história oral tem na memória sua principal fonte informativa. Esta, ao dar ouvidos à história dos excluídos, enfatiza a relevância das memórias subterrâneas que enfrentam a

memória oficial, assim a história oral tem o potencial de reabilitar a periferia e a marginalidade (Pollak, 1989). Assim enxergamos um ponto extremamente importante quando falamos de história, e ainda mais de história e cotidiano, a memória. Mas o que é memória? Existem definições que vão desde os aspectos biológicos e psicológicos, mas entendemos esta no sentido que assinala Benjamim (1985 *apud* Kenski 1997, p. 146): a memória é “[...] um movimento permanente de reconstrução, determinado pelas condições concretas e emocionais do sujeito, no momento presente”. Para o autor, a memória não está estritamente dada pela pureza original como os fatos aconteceram, o relevante é o que ficou desse passado no momento atual. Neste sentido, Bosi (1994, p. 48) afirma que “o passado conserva-se e, além de conservar-se, atua no presente, mas não de forma homogênea”.

Neste mesmo sentido, Guarinello (2004) comenta que a memória é o cimento da vida cotidiana, é uma habilidade natural, é um terreno ativo, atuante, um produto cultural, é a ligação material ou ideal entre passado e presente que outorga sentido a este último, não é só um recurso que possibilita a ação, mas também é um instrumento para o agir social e desta forma uma fonte de poder. As formas de memória são diversas, como a escrita, o processo educacional, a ciência, os relatos orais, as histórias que se compartilham nos grupos, os mitos...

Assim, por meio da memória, construímos os nossos significados no presente. É preciso considerar, porém, que conforme salienta Gabriel (2004), fatos não falam por si. Através do discurso, portanto, na construção de histórias e narrativas é que damos sentido e significado a eles. Destarte, um cuidado se torna essencial e o autor chama a atenção para ele, qual seja, as histórias podem ser vistas e utilizadas como possibilidade de esclarecimento e compreensão, mas também de dissimulação e mentira. Logo, não eliminam os fatos ou negam sua existência, mas permitem que os fatos sejam reinterpretados e embelezados (Gabriel, 2004). Para o autor, portanto, as histórias podem, em alguma medida, ser utilizadas para oposição, contestação e até mesmo opressão. Assim o autor alerta para a possibilidade de a história ser manipulada de acordo com interesses particulares.

Esta manipulação não deve ser aqui entendida unicamente como consciente e mal intencionada. De acordo com Bosi (1994), a memória invariavelmente sofre um processo de desfiguração, que é levada a cabo a partir de experiências pessoais e sociais. Segundo a autora, “mal termina a percepção, as lembranças já começam a modificá-la: experiências, hábitos, afetos, convenções vão trabalhar a matéria da memória” (Bosi, 1994, p. 419). Diante disso entendemos que a memória atua no sentido de constituir significados às nossas vivências presentes, através de suas relações com o vivido no passado.

Neste sentido, compreender como a história, a partir de suas nuances, envolve o cotidiano organizacional, especialmente no que diz respeito à gestão ordinária e às micropráticas, torna-se relevante à medida que entendemos que o denominado ambiente organizacional vai além do que o *mainstream* da área aponta como tal.

História e cotidiano nas organizações

Como é um dia numa organização? Quantos momentos, aparentemente repetitivos e monótonos, podem ser observados? E quantos outros parecem ser inusitados, diferenciados, momentos em que encontramos soluções antes não observadas, momentos em que lidamos com comportamentos diferentes... Quantos momentos... Momentos que normalmente são recuados, colocados fora dos estudos organizacionais. Mas, não é nesta sequência de momentos que a organização passa a existir? Então como não analisar este cotidiano, onde nascem e transcorrem as histórias de uma organização?

Pois como afirmava Heller (1985) o cotidiano, esse dia a dia, é o fio que tece a história, destarte, como separar história e cotidiano? Parece que isto não é possível, porém o que observamos nos estudos tradicionais da história foi sim uma ruptura profunda entre história e cotidiano. Da mesma forma, nos estudos

organizacionais, que ao manter o seu foco nas abordagens tradicionais, calou as outras vozes presentes no ambiente das organizações. É preciso deixar claro, porém, que não estamos defendendo aqui que os estudos tradicionais da administração sejam rechaçados. No entanto, entendemos ser fundamental ouvir as múltiplas vozes que compõem o ambiente organizacional. Compreendemos que, conforme afirmam Certeau, Giard e Mayol (1998), é preciso descer do topo do prédio, de onde se veem apenas formas geométricas e nos posicionarmos no mesmo espaço ocupados pelos fazedores do cotidiano, a fim de compreendermos aquilo que olhando do alto se manteria invisível.

A utilização da história oral apresenta esta possibilidade de dar ouvidos às pessoas comuns dentro das organizações. Isto se dá tendo em vista que, conforme apresentam Gomes e Santana (2010), esta se refere a uma história do presente, que tem como pressuposto o passado. Ao se misturarem, presente e passado se tornam vivos na vida e na memória dos sujeitos. Desta forma, a história oficial é balizada pelas visões tidas como periféricas, podendo trazer ricas considerações às pesquisas no âmbito dos estudos organizacionais, bem como um conhecimento mais apurado do ambiente que se deseja pesquisar. Um conhecimento baseado não apenas nas proposições que o discurso hegemônico deseja inculcar para alcançar objetivos específicos, via de regra compostos por interesses de

subordinação, mas um conhecimento que tem suas bases nas experiências vividas pelos sujeitos que fizeram e fazem a história.

Talvez sejam nesses momentos que os sujeitos, como nos apresenta a abordagem do cotidiano, conseguem romper ainda que de maneira silenciosa com os laços que lhes prendem à alienação cotidiana. Pudemos perceber que na temática do cotidiano, mesmo partindo de pressupostos distintos, as teorias propostas pelos autores tidos como base neste estudo podem ser vistas em uma perspectiva complementar. Ainda que enquanto Heller (1985) e Lefebvre (1991) apresentem o cotidiano como uma realidade que aliena e Certeau (2000) diz que o mesmo pode ser reconstruído pelos indivíduos que o compõe, ambas as abordagens dão conta de que os sujeitos não conseguem se desvencilhar completamente do poder que os envolve. Logo, os momentos em que conseguem escapar são momentos fugidios e até mesmo ilusórios.

Neste contexto, entendemos que os sujeitos possuem ainda dificuldades para, de fato, conduzirem a sua história. Acabam permanecendo em grande parte da vida, na reprodução do já dito e do já feito. Vemos que isso ocorre uma vez que as estruturas que visam à manutenção do indivíduo neste processo de alienação estão muito bem articuladas, dificultando a saída dos sujeitos, mesmo que esta seja momentânea.

Tal articulação pode ser percebida também no ambiente acadêmico, quando formas hegemônicas se sobrepõem de tal maneira que dificultam a entrada e manutenção de novas abordagens para o contexto das pesquisas. Assim como na visão hegemônica da história, como vimos, as atenções devem se voltar ao passado, a fim de que as pesquisas possam obter validade, no campo da administração as pesquisas que fogem ao estabelecido pelo *mainstream* da área também encontram dificuldades de aceitação. Como afirmam Barros e Carrieri (2015) esta dificuldade por vezes faz com que estudos realizados com objetos ou teorias não hegemônicas sejam vistos como marginais ou até mesmo sem importância no campo da administração.

No entanto, é preciso que os pesquisadores estejam dispostos a se contrapor a estas abordagens que objetivam a superioridade. Em nosso entendimento, é preciso escutar as vozes de todos aqueles cujas histórias individuais compõem o campo dos estudos das organizações, em todos os níveis. Assim poderemos minimizar os efeitos da redução dessas histórias a uma única história oficial que, na maioria das vezes atende apenas a interesses específicos. Como nos alertam Barros e Carrieri (2015, p. 159), “a realidade da administração é diversa, podendo ser estudada no cotidiano das pessoas, nas estratégias e práticas de sobrevivência utilizadas no dia a dia. Também é possível lançar luzes sobre a gestão ordinária, realizada cotidiana e despretensiosamente por diversos sujeitos

anônimos”. Diante disso, acreditamos que deixar de olhar para tais possibilidades consiste em reduzir o campo da administração a um discurso que se restringe ao utilitarismo da área.

Em suma, ao tratar do cotidiano e a história nas organizações, percebemos que estes temas se encontram profundamente entrelaçados, pois neste cotidiano, onde a vida é vivida, de instante a instante, acontecem os fatos simples e grandiosos, e é este cotidiano do tempo presente que nos liga ao passado e ao mesmo tempo ao futuro, assim os estudos organizacionais não podem parar na visão do passado, o olhar deve ser conjunto, do passado com o presente, onde a história oral por meio da memória nos abre esta possibilidade. Ainda, salientamos que não se trata de uma história da organização, mas das histórias no plural, pois são diversas as perspectivas em que se pode vivenciar a vida em organização. Assim, estas diversas histórias podem começar a surgir dando ouvidos aos não escutados, trata-se, então, das histórias dos sujeitos e dos grupos, das suas identidades expressas na sequência do tempo, tempo que é vivenciado no cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste estudo apresentamos questionamentos que consideramos ser fundamentais para o campo da administração, visto a partir de uma ótica contra-



hegemônica. Como vimos no decorrer deste texto, ao considerarmos a administração da maneira como é concebida pelo *mainstream*, tais questionamentos não teriam qualquer sentido ou razão de ser. No entanto, o campo vem se abrindo, ainda que de maneira lenta, a novas possibilidades. Entender a história a partir das vivências dos sujeitos é uma delas. Dar ouvidos àqueles que o discurso oficial cala a fim de ouvir o que as histórias oficiais não são capazes de dizer, por desconhecerem ou até mesmo porque não lhes interessa compreender o mundo a partir dos homens ordinários (Certeau, 2000). Neste sentido, entendemos que este estudo apresenta uma importante contribuição, tendo em vista tratar da gestão ordinária e reconhecer que esta compõe a administração, sendo sua compreensão fundamental, até mesmo para a abrangência das grandes narrativas. Isto porque entendemos que as narrativas da história tradicional surgem, inevitavelmente do ordinário, do cotidiano.

Neste contexto, surgem novos questionamentos, daqueles que defendem que o contar a história deve ser tido como um olhar para trás, a fim de evitar desvios ocasionados pela ressignificação das lembranças. E se os contadores das histórias as inventarem de acordo com seus interesses? Entendemos diante desta questão que ao buscar tais fontes de dados o pesquisador deve estar ciente do papel da memória na constituição da história. Os fatos vividos adquirem novos significados diante de vivências atuais ou novas experiências adquiridas. Logo, não se deve

buscar a “verdade”, mas extrair dos fatos narrados os significados que estes constituíram para quem os narra, uma vez que é a partir destes significados que os sujeitos criam e definem os seus projetos de vida.

Grande parte dos textos que tratam da utilização da história nas organizações o fazem, ainda, com um olhar para as grandes corporações, para as histórias dos vencedores que compõem as suas estruturas. Em nossa concepção, porém, se faz necessário ir para além desta perspectiva, o que apenas pode se concretizar a partir da escuta atenta de múltiplas vozes. Tais vozes não podem ser ouvidas senão a partir das histórias orais, que permitem uma nova possibilidade, uma vez que as micropráticas cotidianas apenas podem ser apreendidas a partir da oralidade e da observação atenta. Importa destacar ainda que, à medida em que contam as suas histórias, os sujeitos se constroem. Desta forma, o ganho não se restringe a uma perspectiva unilateral, na qual os pesquisadores utilizam tais histórias, de forma a usá-las e a seus fazedores e contadores apenas como objetos de pesquisa.

Entendemos que é no cotidiano, nos espaços que tanto nós quanto vocês - leitores - ocupamos que estes significados são construídos. Nas pequenas atividades do dia a dia, quando temos a oportunidade de, ainda que inconscientemente, subverter o que é formalmente estabelecido (Certeau, 2000) que determinamos o que os fatos

para nós significam. São as nossas vozes que são silenciadas todas as vezes que os discursos hegemônicos se sobressaem. As nossas histórias é que são esquecidas a fim de que “a história oficial” possa ser contada.

REFERÊNCIAS

Alcadipani, R. & Tureta, C. (2009). Teoria ator-rede e análise organizacional: contribuições e possibilidades de pesquisa no Brasil. *Organizações & Sociedade*, 16(51), 647-664.

Alves, R. S. & Ericeira, R. C. S. (2017). Histórias de vida: experiências e reflexões de pesquisa com idosos de Volta Redonda. *Ayvu, Revista de Psicologia*, 3(2), 141-157.

Barros, A. & Carrieri, A. P. (2015). O cotidiano e a história: construindo novos olhares na administração. *Revista de Administração de Empresas*, 55(2), 151-161.

Benjamin, W. (1985). Sobre o conceito da História. In: W. Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura* (pp. 222-232). São Paulo: Brasiliense *apud* Kenski, V. M. (1997). Sobre o conceito de memória. In: I. C. Fazenda (Org.). *A pesquisa e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus.

Bloch, M. (2001). *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Bosi, E. (2003). *Tempo vivo da memória*. São Paulo, Ateliê.

Bosi, E. (1994). *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das letras.

Booth, C. & Rowlinson, M. (2006). Management and organizational history: prospects. *Management & Organizational History*, 1(1), 5-30.

Bretas, P. F. F. & Carrieri, A. P. (2017). Uma breve reflexão sobre epistemologias, teorias e métodos da prática social da resistência. *Revista Espacios*, 38(27), 6-18.

Burke, P. (1992). Abertura: a Nova História, seu passado e seu futuro. In: P. Burke. *A escrita da história: novas perspectivas* (pp. 7-37). São Paulo: UNESP.

Carrieri, A. P. (2012). *A gestão ordinária*. Tese de professor titular, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

Carrieri, A. P., Leite-da-Silva, A. R., & Junquilha, G. S. (2008). O fazer estratégia na gestão como prática social: articulações entre representações sociais, estratégicas e táticas cotidianas nas organizações. *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, XXXI.

Carrieri, A. P., Perdigão, D. A., & Aguiar, A. R. C. (2014). A gestão ordinária dos pequenos negócios: outro olhar sobre a gestão em estudos organizacionais. *Revista de Administração*, 49(4), 698-713.

Carrieri, A. P., Saraiva, L. A. S., Lima, G. C. O., & Maranhão, C. M. S. A. (2008). Estratégias subversivas de sobrevivência na "feira hippie" de Belo Horizonte. *Gestão.Org*, 6(2), 174-192.

Certeau, M. (2000). *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (13a ed.). Petrópolis: Vozes.

Certeau, M. (1995). *A cultura no plural*. Campinas: Papyrus.

Certeau, M., Giard, L., & Mayol, P. (1998). *A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar*. Petrópolis: Vozes.



Clegg, S. R. & Hardy, C. (1998). Introdução: organização e estudos organizacionais. In: S. R. Clegg, C. Hardy, & W. Nord (Orgs.). *Handbook de estudos organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais* (pp. 29-58). São Paulo: Atlas.

Costa, A. S. M., Barros, D. F., & Martins, P. E. M. (2010). Perspectiva histórica em administração: novos objetos, novos problemas, novas abordagens. *Revista de Administração de Empresas*, 50(3), 288-299.

Costa, A. S. M. & Saraiva, L. A. S. (2011). Memória e formalização social do passado nas organizações. *Revista de Administração Pública*, 45(6), 1761-1780.

Curado, I. (2001). Pesquisa historiográfica em administração: uma proposta metodológica. *Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração*, Campinas, SP, Brasil, XXV.

Del Priori, M. (1997). História do cotidiano e vida privada. In: C. F. & R. Vainfas (Orgs). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia* (pp. 376-398). Rio de Janeiro: Elsevier.

Fairclough, N. (2001). *Discurso e mudança social*. Brasília: UnB.

Gabriel, Y. (2004). Narratives, stories and texts. In: D. Grant, C. Hardy, C. Oswick, & L. Putnam (Eds). *The sage handbook of organizational discourse* (pp. 61-77). London: SAGE.

Giard, L. (1998). Apresentação. In: Certeau, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (pp. 9-31). Petrópolis: Vozes.

Gomes, A. F. & Santana, W. G. P. (2010). A história oral na análise organizacional: a possível e promissora conversa entre a história e a administração. *Cadernos EBAPE.BR*, 8(1), 1-18.

Grant, D., Hardy, C., Oswick, C., & Putnam, L. Introduction: organizational discourse: exploring the field. In: D. Grant, C. Hardy, C. Oswick, & L. Putnam (Eds). *The sage handbook of organizational discourse* (pp. 1-36). London: SAGE.

Guarinello, N. L. (2004). História científica, história contemporânea e história cotidiana. *Revista Brasileira de História*, 24(48), 13-38.

Heller, A. (1985). *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Junquilha, G. S., Almeida, R. A. & Silva, A. R. L. (2012). As "artes do fazer" gestão na escola pública: uma proposta de estudo. *Cadernos EBAPE.BR*, 10(2), 329-356.



Kenski, V. M. (1997). Sobre o conceito de memória. In: I. C. Fazenda (Org.). *A pesquisa e as transformações do conhecimento*. Campinas: Papirus.

Lang, A. B. S. G. (1996). História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: J. C. B. Meihy (Org.). *(Re)introduzindo história oral no Brasil* (pp. 33-47). São Paulo: Xamã.

Lefebvre, H. (1991). *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Atica.

Lefebvre, H. (1978). *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Península.

Leite, R. P. (2010). A inversão do cotidiano: práticas sociais e rupturas na vida urbana contemporânea. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 53(3), 737-756.

Lukács, G. (2013). A relação sujeito-objeto na estética. *Artefilosofia*, 14, 1-29.

Lukács, G. (2012). *Para uma ontologia do ser social I*. São Paulo: Boitempo.

Lukács, G. (2010). *Prolegômenos para uma ontologia do ser social*. São Paulo: Boitempo.

Machado, E. A. (2010). História do tempo presente: um desafio possível. *Revista Eletrônica Boletim do Tempo Presente*, 5(6), s.p.

Napolitano, V. & Pratten, D. (2007). Michel de Certeau: ethnography and the challenge of plurality. *Social Anthropology/ Anthropologie Sociale*, 15, 1-12.

Netto, J. P. (2012). Para a crítica da vida cotidiana. In: J. P. Netto & M. C. Brant de Carvalho. *Cotidiano: conhecimento e crítica* (pp. 64-93). São Paulo: Cortez.

Orellana, R. C. (2012). Michel de Certeau: história e ficção. *Princípios – Revista de Filosofia*, 19(31), 5-27.

Penna, R. S. (2005). *Fontes orais e historiografia: avanços e perspectivas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, 2(3), 3-15.

Roberts, J. (2006). *Philosophizing the everyday: revolutionary praxis and the fate of cultural*. London: Pluto Press.

Santos, M. (2004). *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record.

Souza, E. M. & Costa, A. M. (2013). Usos e significados do conhecimento histórico em estudos organizacionais: uma (re)leitura do taylorismo sob a perspectiva do poder disciplinar. *Cadernos EBAPE.BR*, 11(1), 1-15.

Üsdikem, B. & Kieser, A. (2004). Introduction: history in organisation studies. *Business History*, 46(3), 321-330.

Vieira, M. M. F. & Caldas, M. P. (2006). Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. *Revista de Administração de Empresas*, 46(1), 59-68.

Wanderley, S., Barros, A., Costa, A. M., & Carrieri, A. P. (2016). Caminhos e percursos da História em Administração: um chamado à reflexão sobre o tempo e a construção do presente. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 3(8), 801-820.

Xavier, W. S., Barros, A. N., Cruz R. C., & Carrieri, A. P. (2012). O imaginário dos mascates e caixeiros-viajantes de Minas Gerais na formação do lugar, do não lugar e do entrelugar. *Revista de Administração*, 47(1), 38-50.

As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala

Resumo

Neste ensaio teórico objetivamos compreender a relevância do diálogo entre história e administração como ferramenta que possibilite que novas vozes, antes excluídas, sejam ouvidas no âmbito da gestão. Através da abordagem que ora apresentamos, pudemos identificar que o diálogo entre história e administração pode e deve ir para além das grandes narrativas e apenas das histórias das grandes corporações. A gestão ordinária, o homem ordinário, fazem parte do contexto organizacional, agindo e deixando nele as suas marcas. Importante destacar, desta forma que o presente estudo olha para os sujeitos não como objetos de pesquisa, mas como seres que, através das suas práticas, da oralidade, da sua voz, expressam, até mesmo no seu silêncio, nesse ecoar quase imperceptível, as diversas realidades vivenciadas nas organizações.

Palavras-chave

História; cotidiano; discursos hegemônicos; estudos organizacionais.

The stories and the everyday of organizations: a possibility to give hearing to those which hegemonic speech calls

Abstract

In this theoretical paper, we aim to understand the relevance of the dialogue between history and administration as a tool that allows new voices, previously excluded to be heard within the scope of management. Through the approach we have presented, we have been able to identify that the dialogue between history and administration can and should go beyond the great narratives and only the stories of the big corporations. The ordinary management, the ordinary man, are part of the organizational context, acting and leaving in it their marks. It is important to emphasize, in this way, that the present study looks at subjects not as objects of research, but as beings that, through their practices, their voice, express, even in their silence, in this almost imperceptible echo, the Different realities experienced in organizations.

Keywords

History; daily; Hegemonic speech; Organizational studies.

Las historias y el cotidiano de las organizaciones: una posibilidad de escuchar àquellos que el discurso hegemónico calla

Resumen

En este ensayo teórico buscamos comprender la importancia del diálogo entre historia y administración como herramienta que posibilite que nuevas voces, antes excluidas, sean escuchadas en el ámbito de la gestión. A través del planteamiento que presentamos, pudimos identificar que el diálogo entre historia y administración puede y debe ir para más allá de las grandes narrativas y de las historias de las grandes corporaciones. La gestión ordinaria, el hombre ordinario hacen parte del contexto organizacional, actuando y dejando en este sus marcas. Es importante destacar, de esta manera que el presente estudio mira a los sujetos no como objetos de investigación, sino como seres que, a través de sus prácticas, de la oralidad, de su voz, expresan, hasta mismo en su silencio, en ese resonar casi imperceptible, las diversas realidades experimentadas en las organizaciones.

Palabras clave

Historia; cotidiano; discursos hegemónicos; estudios organizacionales.



Autoria

Josiane Barbosa Gouvêa

Doutoranda em Administração pela Universidade Estadual de Maringá.
Professora do Instituto Federal do Paraná. <http://lattes.cnpq.br/4049498258802243>.
<https://orcid.org/0000-0002-4305-9104>. E-mail: josidapper@hotmail.com.

Rocío del Pilar López Cabana

Doutoranda em Administração pela Universidade Estadual de Maringá.
<http://lattes.cnpq.br/6561005662507063>. <https://orcid.org/0000-0003-1082-9982>. E-mail: roci-o@hotmail.com.

Elisa Yoshie Ichikawa

Doutora em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada pela Universidade Estadual de Maringá.
<http://lattes.cnpq.br/6448044628010889>. <https://orcid.org/0000-0001-7096-7653>. E-mail: elisa_ichikawa@hotmail.com.

Endereço para correspondência

Josiane Barbosa Gouvêa. Instituto Federal do Paraná, Campus Umuarama. Rodovia PR 323, Km 310, Umuarama, PR, Brasil. CEP: 87507-014. Telefone: (44) 3361-6200.

Como citar esta contribuição

Gouvêa, J. B., López Cabana, R. P., & Ichikawa, E. Y. (2018). As histórias e o cotidiano das organizações: uma possibilidade de dar ouvidos àqueles que o discurso hegemônico cala. *Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade*, 5(12), 297-347.

Contribuição Submetida em 21 set. 2016. Aprovada em 18 ago. 2017. Publicada online em 21 maio 2018. Sistema de avaliação: Double Blind Review. Avaliação sob responsabilidade do Núcleo de Estudos Organizacionais e Sociedade da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Editor: Luiz Alex Silva Saraiva.

